



6º Domingo da Páscoa (01/05/2005)

1ª leitura – Atos 17.22-31

No trecho selecionado para esse Domingo, vemos de que modo os primeiros apóstolos, todos procedentes da tradição judaica, atualizaram a mensagem do Evangelho em contextos helênicos. O episódio se passa em Atenas, cidade já bastante conhecida pelos seus filósofos e pelas escolas de sabedoria que buscavam conhecimento. Um dos lugares mais comuns para a reunião dos intelectuais de Atenas era o Areópago, espaço semelhante ao encontrado em bairros de grandes cidades que concentram bares e cafés freqüentados por professores, estudantes, artistas e intelectuais.

Paulo foi conduzido ao Areópago por aqueles que buscam as últimas novidades para falar sobre a nova religião que o apóstolo estava proclamando (v.19). Os gregos, de fato, eram muito curiosos e abertos a todo tipo de novidades, sobretudo naquela época em que a cultura grega dava sinais de cansaço. Perante os intelectuais da época, Paulo esboça um discurso que hoje é conhecido como "método da correlação". Trata-se da tentativa de buscar pontes de contato capazes de relacionar as perguntas que uma cultura faz e, a partir delas, apresentar a resposta que o Evangelho apresenta.

Paulo inicia observando os vários altares e monumentos sagrados da cidade e elogia a religiosidade dos atenienses. Como bom observador, detecta um altar edificado a um "Deus desconhecido". Esse é o ponto de partida para o anúncio do Deus Criador de tudo o que há. Observemos que Paulo afirma que Deus já é venerado ali, porém, sem "conhecimento". Mas esse Deus, conforme o apóstolo, "não habita em templos feitos por mãos humanas" porque a tudo transcende. Essa frase remete ao Salmo 146.6, Neemias 9.4 e Isaías 66.1-2 e também fez parte da pregação de Estevão (At 7.48).

Nos vs. 24-28, o apóstolo anuncia a Deus começando exatamente por um ponto que deslumbrava os gregos há muito tempo – a observação da natureza. As primeiras filosofias gregas nasceram da admiração pelos ritmos da natureza, pela busca do "arché". O conteúdo da pregação paulina pode ser resumido nos seguintes tópicos:

- a) Deus é o Criador do Universo – "fez o mundo e tudo o que nele existe" (v.24);
- b) Esse Deus transcendente à vida humana, demonstra-se livre de qualquer apoio humano ("não habita em templos feitos por mãos humanas nem é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa" (v.24b,25a).
- c) Ele é o Senhor da vida não só como autor, mas também enquanto doador, formador e sustentador da vida humana ("a todos dá vida, respiração e tudo o mais..." v. 25b. 26);.



- d) A dependência humana desse Deus resultou na busca universal que todas as culturas e religiões, a seu modo, manifestam. Possivelmente há ecos de Eclesiastes ("Deus colocou o sentimento da eternidade no coração do ser humano" – Ec 3.11). Aquele altar dedicado ao "Deus desconhecido", seria, portanto, evidência desse fato;
- e) Porém, esse Deus está mais perto de nós que muitas vezes supomos ("não está longe de cada um de nós" – vs. 27). O versículo 28 parece ser citação de trechos do filósofo Epimênides de Creta (séc. VI aC): "pois nele nós temos a vida, o movimento e o ser:.. Essa tríade é paralela à do versículo 25: "Deus dá a todos vida, respiração e tudo mais";
- f) Vs. 29.31. "Se somos filhos (raça) divina"... A idéia aqui parece ser a de que há um ponto de contato entre a natureza humana e a essência divina. Nesse caso, não podemos identificar esse Deus com imagens de escultura porque isso reduziria também a grandeza humana. A isso Paulo chama "ignorância" (v.30);
- g) Se as imagens não nos levam ao conhecimento de Deus, é preciso outro caminho: a ética a partir dos critérios que a Igreja nascente adquiria de sua compreensão do Cristo ressuscitado. A ressurreição de Jesus Cristo liberta da cegueira e da ignorância e conduz as pessoas a um novo estilo de vida.

Contudo, apesar do esforço de inculturação feito pelo apóstolo, o texto afirma que poucos dos sábios abraçaram a fé. A maioria zombou ou se mostrou indiferente. Mais tarde, escrevendo aos coríntios, Paulo dirá que já não se esforçava para adaptar a mensagem do Evangelho recorrendo à sabedoria da linguagem. (I Co 1.17ss). Possivelmente, naquela primeira fase da pregação apostólica e com os sucessos obtidos em outros lugares, Paulo esperasse melhor receptividade por parte dos atenienses. No século vinte, Karl Barth declarou o mesmo, lembrando que iniciou seu ministério pastoral tentando adaptar o Evangelho à cultura de sua época e, mais tarde, optou por anunciar o kerigma. Hoje, sabemos, no entanto, que é impossível anunciar o Evangelho sem relacioná-lo à cultura, pois a própria língua na qual o Evangelho é anunciado é um dado cultural básico e o próprio Paulo muito se serviu de conceitos helenistas, apresentando pistas e sinalizando as janelas para a comunhão com o Deus libertador (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*)

2ª leitura – I Pedro 3.8-18

O trecho de hoje exorta à Igreja a prática do amor com o poder de Cristo. Os vs. 8-9 lembram a exortação na Carta aos Romanos 12.9-21 e 1Ts 5.15, (ver também, Mt 5.38; Lc 6.29ss.). O amor fraterno, a compaixão e a humildade são os ingredientes dos laços fraternos e são livres de espírito de competição e retaliação. Se alguém sofrer qualquer injúria isso é ocasião para manifestar a vocação para a esperança viva, o poder transformador da ressurreição de Cristo. Os vs. 10-12 são



citação do Salmo 34.13-17. Trata-se da postura verdadeiramente humana do uso da palavra.

Vs. 13ss. Que orientação se deve dar para quem sofre calúnias? Que é sofrimento injusto? Trata-se do sofrimento em favor do bem e da justiça. (Mt 5.10). Por outro lado, o excesso de zelo pode se desviar e terminar em fanatismo. É uma fronteira difícil de discernir. Há palavras e ações desnecessárias que convidam ao sofrimento e qualquer um está sujeito a justificar o sofrimento. A questão está em buscar o sentido na situação, em que a perseguição é um fato. O sofrimento não é ausência de Deus, antes é sinal da bênção. Isto questiona o sucesso em termos de bens acumulados e prestígios e aprovação social. Por isso, “não tenham medo” (vs. 14) é um eco de Isaías 8.12 – “não chameis de conspiração (complô dirigido contra o soberano) tudo que este povo chama de conspiração; não participeis do medo deles e não vos apavoreis”. Para nós que vivemos outro contexto, isso significaria que a Igreja não deve simplesmente aceitar como certo o que a sociedade assim o considera. Trata-se da questão do foco da preocupação. Só a Deus devemos temer.

O comportamento do cristão na sociedade deve ser pautado pela boa consciência de quem sabe que busca o bem público e evita o mal. (v. 16). Essa capacidade de enfrentar o sofrimento e fazer dele algo criativo está em Cristo e na universalidade de sua obra, (Vs. 18ss.). Com Sua oferta fomos conduzidos à presença de Deus. Esse Deus está ao lado de todos os sofredores com o poder transformador da ressurreição, a qual gera a vida de esperança. O recorte de hoje retoma os tópicos do 1.6; 2.12,15, 19-20. (*Dom Sumio Takatsu*)

Santo Evangelho – João 15.1-8

Começa nessa perícopes, a instrução de Jesus sobre a identidade e situação de sua comunidade no mundo. Logo no início do discurso, Jesus se apresenta como “a videira verdadeira”. A videira ou vinha era, no Antigo Testamento, símbolo de Israel como povo de Deus (Sl 80.9; Is 5.1-7; Jr 2.21; Ez 19.10-12). Ao apresentar-se como “a videira verdadeira”, Jesus está novamente fazendo uma reivindicação messiânica. Ele afirma não existir povo de Deus a não ser que se construa a partir dele mesmo.

No vers. 2, há uma advertência severa que define a identidade desse povo novo por ele criado: a produtividade do fruto. Toda pessoa que se une a Cristo, necessariamente terá que produzir frutos em sua vida, frutos semelhantes aos de Cristo, uma vez que se une na condição de ramo ao tronco principal, do qual recebe a seiva. O ramo que não produz fruto é cortado e eliminado pelo Pai. O critério aqui não é teológico, mas prático. Não se trata simplesmente de “conhecer” intelectualmente a verdade, mas de praticá-la. Além disso, quem providencia a poda é o próprio Pai. Não compete a alguns ramos providenciarem a poda de outros.

O principal fruto do Espírito na literatura joanina, que comprova a adesão a Cristo, é o amor. Mas não podemos dar a essa palavra conotações meramente sentimentais ou românticas. O amor cristão não é apenas sentimento; é amor prático – envolve a caridade, a solidariedade, a renúncia e a prática da justiça. Aliás, este é o



único mandamento de Cristo no Evangelho joanino: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" (Jo 15.12). Para esclarecer esse ponto, um tanto obscuro no Evangelho, a 1ª epístola de João é fundamental. Ali, o escritor afirma: "Aquele que diz que permanece nele, deve também andar como ele andou"(I Jo 2.6); "nisto se revelam os filhos de Deus e os filhos do diabo: todo o que não pratica a justiça, não é de Deus, nem aquele que não ama o seu irmão" (I Jo 3.10).

Observemos que, na seqüência do texto, Jesus usa o verbo "permanecer" ("permaneci em mim"... v.4; "o ramo não pode dar fruto se não permanecer na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim...", "o que permanece em mim e eu nele, este dará muito fruto", "se alguém não permanece em mim, é lançado fora"... vs. 5-6). Esse verbo, em grego, expressa confirmação, continuidade ou renovação da atitude que já se tem, ou que já foi inaugurada. Por isso ele diz: "vós já estais limpos..." a boa obra de Deus já se iniciou em nós. Porém, a continuidade dessa obra depende também da renovada adesão e permanência nela.

Mais uma vez, a 1ª epístola de João nos oferece subsídios para melhor compreender a abrangência prática dessas palavras: "Aquele que não ama permanece na morte" (I Jo3.14b), "se alguém, possuindo bens, vê seu irmão em necessidade e lhe fecha o coração, como permanecerá nele o amor de Deus?" (I Jo 3.17). "Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós..." (I Jo 4.12a). "Aquele que permanece no amor, permanece em Deus e Deus nele"(I Jo 4.16).

A "permanência em Cristo", enfatizada no versículo 5 é retomada posteriormente em 6.56: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece comigo e eu com ele". Eis um dos sentidos da Eucaristia enquanto alimento da fé: assimilar continuamente o amor manifestado na vida e morte de Cristo.

É lamentável que essa fórmula "amai-vos uns aos outros" tenha se tornado um chavão banalizado através dos séculos, adquirindo em nosso tempo um gosto açucarado. O amor como fruto principal na literatura joanina, é um princípio ativo, prático e diferenciador de posições. O fruto do amor é o critério único pelo qual se avalia a produção de um ramo. Quando esse fruto não é produzido, o galho é lançado fora. Evidentemente, não cabe à comunidade fazer tal julgamento. Quem produz a poda é Deus. (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*)